

SELEÇÃO LEXICAL NEOLÓGICA NAS REDES SOCIAIS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LÍNGUA

Maria de Fátima Fernandes BISPO⁴¹

RESUMO

Sabendo-se que o discurso é um objeto histórico-social; uma produção social propagadora de sentidos entre interlocutores, de relações de força e poder, este artigo visa a analisar aspectos morfossintáticos, semânticos e discursivos presentes em redes sociais, através de criações neológicas postadas pelos seus usuários. Ressaltar-se-á que a neologia configura um evento natural de que dispõe a língua para a entrada de novos itens, através de três mecanismos distintos: a construção de novas palavras, (recorrendo-se a regras da própria língua); a atribuição de novos significados a palavras já existentes e a importação de palavras de outras línguas. Partindo-se da premissa de que o primeiro mecanismo apresenta variações ainda pouco estudadas no cotidiano escolar, em que, geralmente, são privilegiados os processos de prefixação, sufixação e composição, objetiva-se, mostrar que os usuários das redes sociais revelam, em seus discursos, uma competência linguística ao criarem palavras. Considerando-se que as redes sociais são um espaço inegavelmente atraente para os jovens, propõe-se que tais criações neológicas sejam levadas para a sala de aula, na abordagem do tema “processos de formação de palavras”, no ensino médio. Dessa forma, acredita-se que tal corpus de estudo provocará nos educandos uma identificação imediata, já que possibilitará que esses se coloquem como sujeitos da língua que falam e estudam. A metodologia deste trabalho consistirá na recolha dos neologismos de um site de relacionamento muito difundido na atualidade, o www.facebook.com, o qual será definido através de um “corpus de exclusão” constituído por um conjunto de dicionários gerais recentes da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: léxico; neologismo; redes sociais; ensino

Estudos sobre neologismos

A criação lexical, denominada pela gramática como neologismo, significa ‘nova palavra’, composto híbrido do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra). Neologismo é o elemento resultante de criação lexical chamado neologia; é “a palavra nova,

41 CEFET/RJ, Coordenação de Língua Portuguesa e Literatura, Rua Correa Dutra 15/902, Flamengo, CEP: 22210-050, Rio de Janeiro, Brasil, E-MAIL: fatimabis@gmail.com

inventada, não dicionarizada, uma novidade no léxico” (Valente, 2001). Chama-se léxico de um idioma, portanto, o conjunto de palavras de que ele dispõe.

A língua, como já ressaltava, no século passado, a pesquisadora Nelly de Carvalho (1987), é o “espelho da sociedade”, cuja evolução, sobretudo depois do advento da internet, tem sido frenética. Os neologismos estão ligados a todas as inovações nos diversos ramos de atividade humana, seja arte técnica, ciência, política ou economia. É nesse sentido que a autora considera a criação neológica um ato e fato social: “criar uma palavra é impor um conceito por intermédio de sua representação escrita ou falada”, sendo, destarte, “mais que um ato linguístico, um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma comunidade” (1987:10). Ieda Maria Alves também já afirmava que, “sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica” (1994:6).

Entretanto, gramáticos e estudiosos do passado, em várias oportunidades, apresentaram muitos protestos contra o emprego de neologismos. Edith Pimentel (1992), em seu estudo sobre o tema, lembra que os neologismos eram considerados por Júlio Ribeiro “vícios de linguagem” ou “deturpadores da língua”, e “novidades ociosas e viciosas” por Rui Barbosa, que condenava os “vocábulo inventados, os vocábulo artificiais [porque] destroem o tecido de uma língua”. Além desse, a autora cita ainda: João Ribeiro, que, apesar de não condenar explicitamente os neologismos, considerava-os admissíveis somente se houvesse necessidade e não denunciasses “pobreza de vocabulário”; Eduardo Carlos Pereira, que os incluía, em sua Gramática Expositiva, entre os vícios de linguagem; e autores de formação tradicional, como Rui Barbosa, que condenava as ditas “novidades ociosas e viciosas”, apoiado, claramente, em gramáticos brasileiros e portugueses (Júlio Ribeiro, Lameira e Pacheco, Ribeiro de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo).

Ressalta ainda Terezinha Bittencourt, a respeito de Eduardo Carlos Pereira, que foi um gramático de significativa influência durante a primeira metade do século XX, o seguinte:

[o gramático] admitia o emprego de neologismos impondo, para tanto, as condições de serem indispensáveis para a expressão de ideias novas e serem bem formados, isto é, de acordo com o *gênio da língua* (o que denominamos de sistema), como se verifica nos vocábulo: *ferroviário, ferrovia, bisar, audaciosos, bandido, boné, crachá, conduta, comportamento, degelar, emoção, envelope, felicitação, garantir, garantia, isolado, imbecil, jornal,*

pretensioso, ponto de vista, rotina, regressar, susceptível, recentemente incorporados ao falar comum, mas rejeitava vigorosamente outros tantos como *avançar, comitê, constar, deboche, departamento, detalhe, fuzil, fuzilar, governante, interdito, sucesso, toaleta*, por tê-los na conta dos francesismos. (2003:45)

Como podemos observar, tais palavras enumeradas – neologismos quando começaram a circular -, atualmente, não causariam estranheza ao falante, haja vista a sua perfeita incorporação ao saber linguístico da comunidade. Tal fato, certamente, contrariaria muitos gramáticos conservadores, os quais discriminavam a participação criativa do falante na evolução lexical da língua.

Vale lembrar também Guimarães Rosa – escritor de criatividade ímpar na arte de inventar palavras -, em resposta às críticas que recebera pela estranheza que causara nos meios literários, no glossário do prefácio *Hipotrético* (narrativa composta por oito estórias, na qual Rosa faz uma defesa à inovação vocabular), explicando ironicamente o significado do termo:

À neologia (...) chamava Cícero “*verborum insolentia*”. Originalmente, *insolentia* designaria apenas: singularidade, coisa ou atitude desacostumada, insólita: mas, como a novidade sempre agride, daí sua evolução semântica, para: arrogância, atrevimento, atitude desaforada, petulância grosseira. (Tutaméia, 1975).

Maria Emília B. da Silva defende, em seu ensaio *O Dinamismo Lexical: o dizer nosso de cada dia*, que o destino dos idiomas e os papéis que a eles estão reservados no mundo moderno relacionam-se diretamente à riqueza dos indivíduos que os falam e os praticam (*in*: Azeredo, 2000:146). A autora conclui seu texto afirmando:

A verdade é que a legitimação do que se diz ou do que se deve dizer depende fundamentalmente da chamada comunidade, do povo – povo que constrói nações, fortalece impérios, escreve e reescreve a sua história, vitaliza idiomas: povo que, por direito, é o único, legítimo e verdadeiro “dono da língua”.

A gênese do neologismo

Só se pode renovar o mundo renovando a língua (Guimarães Rosa)

De acordo com Maria Aparecida Barbosa (1989), a dinâmica de renovação lexical pode ser abordada de diferentes ângulos, que ultrapassam os limites do estudo dos mecanismos de criação de novas palavras. Para a autora, é importante considerar a dimensão semântica e pragmática do neologismo e a própria definição de neologia, que nos remete, por sua vez, às questões da aceitabilidade e da desneologização, enfim, ao provável percurso do neologismo.

Na gênese do neologismo, serão levados em conta o papel dos contextos intra e extralinguísticos e as circunstâncias espaço-temporais em que se dá. Assim, além de se analisar a palavra, situando o processo de formação pela qual ela passou, é necessário que se proponham questões como: quem criou a palavra, em que universo de discurso foi produzida, em que tempo e lugar geográfico e semântico surgiu, para quem foi criada, como foi criada (Barbosa, *in* Azeredo, 2000:179).

Quanto à gênese neológica, às circunstâncias espaciais e temporais da criação, vale dizer que não é o ineditismo de uma palavra que confere a ela o estatuto de neológica. Barbosa adverte-nos que há momentos relevantes na criação de um neologismo, quais sejam:

- a) o instante mesmo da criação;
- b) o momento pós-criação, no que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural;
- c) o momento em que se começa a acontecer a sua desneologização.

Dessa forma, na criação lexical, devem distinguir-se dois momentos: o que considera o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo e o que é apreendido e registrado pelos falantes-ouvintes do grupo. Como afirmam Barbosa, o primeiro momento do neologismo é a sua criação, e o segundo é a sua recepção e aceitabilidade pelos destinatários, assim como sua inserção no conjunto de unidades léxicas memorizadas. Se o seu uso se generalizar a ponto de ser um vocábulo disponível de pelo menos um grupo de pessoas, a criação passará ao estatuto de neologismo.

As condições de aceitabilidade apresentadas pela autora são: o seu emprego por vários locutores e o sentimento de que é compatível com a língua. Se elas forem satisfeitas, acabam por impor o neologismo. Dessa maneira, o seu percurso pode completar-se com a perda da consciência da neologicidade. Diacronicamente falando, o percurso do neologismo já indica que:

Um neologismo, criado em determinada etapa da língua, se não desaparece,

se desneologiza, ou seja, integra-se uma norma, torna-se lexia memorizada de um grupo de falantes, efetiva, disponível para a atualização; por vezes integra-se à norma geral, do conjunto dos sujeitos falantes-ouvintes do idioma. Assim, na análise de um discurso, se quisermos detectar os neologismos característicos de uma época, temos de tomar como parâmetro a documentação relativa a essa época – jornais, cartas e até mesmo dicionários. (Barbosa, 2000)

Por isso, os neologismos só podem ser entendidos e definidos na situação de produção discursiva em que aparecem articulados os contextos intra e extralinguístico. Ou seja: o neologismo tem de ser considerado no contexto da enunciação.

O contexto de enunciação dos neologismos

Neste artigo, o *corpus* analisado originou-se de um contexto virtual, que são as redes sociais, particularmente, de um site de relacionamento, o *Facebook*. Tal recorte deve-se à constatação de que a presença deste fenômeno lexical, que são os neologismos, é muito recorrente nesse site, no qual se verifica um número significativo de usuários realizando postagens de forma autoral, valendo-se, não apenas da linguagem não verbal (através de fotos e imagens), mas da verbal, através de criações neológicas.

É fundamental salientar a relevância de se estudar esse espaço virtual, que é o Facebook, dada a sua presença frequente, no cotidiano de milhões de pessoas, sobretudo, dos estudantes. Vale lembrar que, diferentemente de épocas não tão remotas assim, em que esses jovens comunicavam-se basicamente através da linguagem oral, hoje, eles se comunicam através da escrita (digitada). E isso, logicamente, não pode ser ignorado pelos professores e pesquisadores da linguagem. Luiz Antônio Marcuschi, que, no mesmo ano da criação do facebook (2004), participou de uma conferência na USP, discorrendo sobre os gêneros textuais emergentes, no contexto da tecnologia digital, já afirmava que “a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo; se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las” (2004:13).

A eleição do Facebook, como espaço de enunciação, desta pesquisa, teve, portanto, como motivação, os seguintes aspectos:

- a) A língua é dinâmica e heterogênea, manifestando-se de diferentes formas, de acordo com a situação comunicativa em que se insere.
- b) A internet é um ciberespaço representativo dessa dinamicidade.
- c) Os gêneros orais devem ser incluídos no cotidiano escolar.
- d) O internauta, ao interagir, com os seus interlocutores, desenvolve uma escrita (prática social) com características que a aproxima da oralidade.

É importante se destacar que essa escrita torna a interação mais próxima de uma conversação face a face, fazendo com que os integrantes sintam-se mais à vontade e sejam, inclusive, capazes de ousarem, criando, por exemplo, neologismos. Usualmente, tal habilidade é mais valorizada quando se refere a escritores, ou até mesmo a profissionais de comunicação; no entanto, nesse espaço virtual, verifica-se que a criação lexical é uma capacidade e um direito linguístico de qualquer usuário da língua. Este, respaldado pela informalidade da situação discursiva em que se encontra - além da cumplicidade de sua rede de amigos com os quais interage -, torna-se uma espécie de “cronista”, arriscando, por vezes, inventar palavras que traduzam uma situação ou pensamento original.

Neologismos: uma abordagem sincrônica

Antônio Sandmann, em seu trabalho sobre morfologia lexical, faz um interessante estudo investigativo a respeito da competência lexical do usuário de uma língua, preocupando-se como o “falante-ouvinte” ou o “escrevente-leitor” entendem as palavras, sua estrutura ou constituição e seu relacionamento semântico-formal com outras unidades lexicais que integram o estoque ou o léxico da língua. Também interessa ao autor, na análise da competência lexical, saber como o falante/escrevente forma “unidades lexicais novas consideradas boas ou aceitáveis, evita a formação de unidades inaceitáveis e como ele as entende e julga boas e inaceitáveis, enquanto ouvinte/leitor” (1992:12).

Ao se identificar o estudo da formação de novas palavras como objeto da morfologia, é importante se definir sob que enfoque será feita a nossa abordagem: diacrônico ou sincrônico? Uma vez que este estudo refere-se à criação de unidades

lexicais formadas por “falantes/escreventes” cuja competência não é, necessariamente, a de um filólogo ou gramático, julgo que o enfoque mais coerente é o sincrônico.

De acordo com Sandmann, existem três recursos de que uma língua pode se servir para ampliar o seu vocabulário:

- 1) A “criação do nada” (a partir de fonemas ou sílabas de palavras ou morfemas já existentes na língua);
- 2) Os empréstimos de outras línguas;
- 3) Formação de palavras/morfemas preexistentes.

O primeiro recurso, a que o autor chama de “criação do nada”, é extremamente raro. Como exemplo o autor cita “tititi”, que, atualmente, já é bastante conhecido e usado pelos falantes, construído pela repetição de uma sílaba vazia “ti”, formando um vocábulo onomatopaico que possui motivação ou fundamento fatores fônicos, o que não é regra em formações a partir de palavras ou morfemas preexistentes (1992:22).

O segundo recurso de enriquecimento vocabular são os empréstimos, considerados pelo pesquisador como secundários, porque, embora bastante numerosos na língua, eles são menos produtivos que os neologismos com prefixos, sufixos, compostos e cruzamentos vocabulares.

O terceiro recurso é, portanto, o principal. O ponto de partida do processo de formação de palavras é a “base”, sendo que, se forem utilizados uma base e afixos (prefixos e sufixos), temos o processo de derivação (prefixação e sufixação) e, se for utilizada mais de uma base, temos a composição.

Carlos Alexandre Gonçalves, em seu texto acadêmico intitulado “Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português”, defende que existem processos que, mesmo sendo considerados marginais, mostram que o português, sobretudo o brasileiro, utilizam-se de expedientes morfoprosódicos para formar uma nova palavra ou para externar o ponto de vista do falante a respeito de algo ou alguém, tais como: *afixação não linear* (Ex: “Fafá”, para designar Fátima, “Fifi”, para Josefina); *encurtamento* (Ex: “Mar”, para Marimar, “delega”, para delegado) e *fusão* (Ex: “matel” para mato + hotel; “patrichorra” para patricinha + cachorra).

Esses processos a que Gonçalves se refere, também conhecidos como mal comportados, mesclagens lexicais, palavras-valise ou cruzamentos vocabulares, são bastante recorrentes nas redes sociais, o que evidencia que os seus enunciadores, além de realizarem um ato de linguagem criativo, revelam o seu ponto de vista através de suas criações lexicais, como observaremos nos exemplos de nosso *corpus*. Neste artigo,

optou-se por usar o termo “mesclagem lexical”, por isso, é oportuno que se apresentem as definições de léxico e vocabulário:

Léxico é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis, tendo em conta, os processos de construção de palavras disponíveis na língua. Vocabulário é o conjunto factual de todos os vocábulos atestados em determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de fato nesse discurso (Margarida Correia & Gladis M. de B. Almeida, 2012: 15).

Tipos de neologismos

Diante de uma unidade lexical que é sentida como nova, é importante que se levante a seguinte questão: em que essa unidade é nova, no sentido ou na forma? Assim, os neologismos podem apresentar dois tipos de novidade: formal ou semântica. Têm-se, portanto, dois tipos de neologismo:

De sentido (semântico): novas significações para significantes já existentes.

De forma (lexicais): novos significantes que se criam na língua.

Neologismos das redes sociais: uma estratégia para o ensino

Atualmente, para se estudar esse fenômeno tão importante de renovação do léxico, já se pode contar com uma significativa literatura composta de muito bons autores. Embora esse tema ainda seja tratado de maneira superficial pelos livros didáticos dos ensinos fundamental e médio, sendo, frequentemente, citado no final do capítulo destinado ao assunto, com a errônea indicação de “outros processos de formação de palavras”, já se podem encontrar muitos trabalhos acadêmicos para consulta. É sempre importante sublinhar que neologismos não constituem um processo de formação de palavras, afinal, eles são palavras formadas através de diferentes processos disponibilizados pelo sistema da língua.

Propõe-se, neste artigo, que o estudo de criações neológicas funcione como uma valiosa estratégia motivadora, na sala de aula, propiciando ao aprendiz explorar os aspectos criativo, expressivo, semântico, morfossintático, discursivo e até humorístico, que caracterizam a criação de neologismos. Certamente, o estudo dos tradicionais “processos de formação de palavras” será revestido de uma roupagem bem mais atraente, sobretudo, porque a seleção dessas novidades originou-se de um contexto muito íntimo desses alunos: as redes sociais.

Neologismos do Facebook: alguns exemplos do *corpus*⁴²

Neologismo semântico

Ainda que neste estudo tenham sido privilegiados os neologismos formais, são frequentes os semânticos, também chamados de conceituais. Esses neologismos são palavras preexistentes que adquirem um novo significado, apresentando, dessa forma, uma novidade semântica. Para ilustrar, observemos, na postagem a seguir, o neologismo semântico “sexy-feira”. Trata-se de uma composição por justaposição, criada a partir de dois significantes preexistentes - o primeiro, um empréstimo da língua inglesa, “sexy” (decalque) – e o segundo, uma palavra língua portuguesa, “feira” – formando um novo significado para “sexta-feira”, que, de acordo com a sua criadora, deveria ser um dia “sexy”. A imagem compartilhada com esse neologismo mostra uma praia da cidade do Rio de Janeiro, ambiente que, possivelmente, motivou a saudação matinal com conotação sensual por parte da autora da postagem, afinal, esse é um espaço em que há, inegavelmente, muita sensualidade, por parte de seus frequentadores.

42 A autoria dos exemplos selecionados foi omitida, tendo-se, por vezes, que se realizarem cortes, em algumas fotografias e textos, a fim de se preservar a imagem de usuários do *Facebook*.

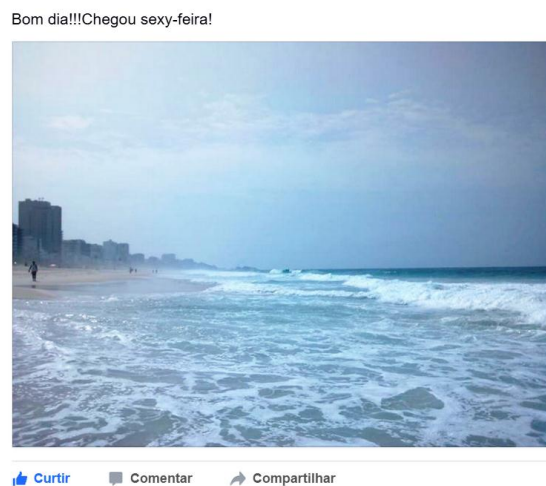


Figura 1- sexy-feira

Os próximos exemplos representam os neologismos formais. Vale lembrar que eles se formam, porque as línguas se renovam a fim de acompanharem a evolução da sociedade: novos significados pedem novos significantes. O neologismo formal (ou lexical), geralmente, é criado pelos falantes comuns - *denominativo* - e por literatos – *estilístico*. O primeiro nasce de uma necessidade de nomeação de uma nova experiência, o segundo, ainda que fugaz, deriva de imposições comunicativas inusitadas.

Neologismo lexical

Para se criarem novas palavras, parte-se de elementos preexistentes (unidades lexicais e infraléxicais) e, com base num conjunto de regras interiorizadas e partilhadas pelos falantes, juntam-se esses elementos. Os processos canônicos de formação são a derivação e a composição, que são, indubitavelmente, muito produtivos. Como se verifica nos próximos exemplos.

- 1) “área de *cãovivência*” – neologismo criado, por um usuário do Facebook, em seu comentário, motivado pela imagem compartilhada (abaixo reproduzida), que mostra um cachorro em frente a um painel onde se lê “área de convivência”. Certamente, influenciado pela semelhança sonora (convivência X “cãovivência”), ele criou um substantivo composto por justaposição, com muita propriedade e expressividade.



Figura 2 – cãovivência

- 2) “ensaio *gato*gráfico” – outra composição por justaposição, formada pela junção dos vocábulos “gato” mais “gráfico”, motivada pela expressão “ensaio fotográfico”, com a qual realiza um jogo intertextual. Observa-se que as poses da gatinha fotografada, de fato, sugerem um ensaio em que, normalmente, fotografam-se mulheres sensuais.



Figura 3 – *gato*gráfico

- 3) “mochilando” e “turistando” – derivações por sufixação. Esse tipo de processo é muito produtivo, pois está previsto no sistema linguístico, a partir da matriz morfológica para os verbos (substantivo + sufixo = verbo): mochila + ar = “mochilar” e turista + ar = “turistar”. Esses neologismos verbais são recorrentes nas redes sociais, postados, frequentemente, no gerúndio, acompanhados de uma imagem, que complementa a informação, como se observa nas postagens abaixo.



Figura 4 – mochilando



Figura 5 - *turistando*

- 4) “*roubartilhar*” – exemplo de um processo dito ‘marginal’, resultante de uma mesclagem lexical, dos vocábulos “roubar” mais “compartilhar”, criado para se expressar a ideia de que se está compartilhando um ‘post’ que foi copiado – ou, no dizer do usuário, ‘roubado’ de um internauta, no caso o filho dele.

“Roubartilhando do meu filho.

Será que o calor dobra? Tô fora...”



Figura 6 – *roubartilhar*

- 5) “*cachorrólatra*” – outra mesclagem lexical, formada a partir da união de ‘cachorro’ mais ‘idólatra’ – significando “adoradores de cahorros”

Eles também precisam da sua ajuda.



Em casos de enchentes, abrigue um animal. Vidas são preciosas, não importa a espécie.

Cachorrólatras & Cia.

Figura 7 – cachorrólatra

- 6) “*paeslhaçada*” – mesclagem oriunda da combinação do substantivo ‘Paes’ (representando o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, conhecido pela sua paixão pelo carnaval carioca) e o substantivo “palhaçada”. Expressa-se, nessa postagem, uma crítica às atitudes do prefeito, em sua gestão, ao aplicar o dinheiro público em fins que não são considerados prioridades na cidade.

Mais uma *paeslhaçada*...



Cada Escola de Samba receberá R\$ 2 milhões da Prefeitura do Rio em 2016 | Diário do Rio

Valor de R\$ 2 milhões é o dobro do repasse feito para o desfile de 2015.

DIARIODORIO.COM | POR QUINTINO GOMES FREIRE

See more from Quintino Gomes Freire.

 Seguir

Figura 8 – *paeslhaçada*

- 7) O exemplo a seguir foi postado pelo professor Claudio Cesar Henriques, da UERJ, realizando uma brincadeira com os seus amigos do Facebook,

denominada “teste de neologismo”. Interessante observar que vários internautas arriscaram criar os seus neologismos e o fizeram, em sua maioria, a partir de mesclagens, como: “fuscicleta”, “fuscotoca”, “lambrefusca”, “motofusqueta” etc.



Figura 9 – teste de neologismo

Considerações finais

Neste breve artigo, buscou-se promover algumas reflexões relacionadas à pesquisa e ao ensino da língua, no que diz respeito aos estudos sobre o léxico, particularmente, sobre as criações neológicas. Ressaltou-se, também, a importância de se levar para a sala de aula esse tema tão motivador, que, em última análise, pode ser uma verdadeira estratégia para se motivar os aprendizes a se interessarem por temas como morfologia, por exemplo.

Outro aspecto relevante neste estudo foi analisar a competência linguística dos usuários das redes sociais, ao criarem e postarem palavras no ambiente virtual, revelando a sua força e o seu poder de transformar a língua, mostrando que o falante de um idioma é o legítimo e verdadeiro “dono da língua”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, Ieda Maria. 1994. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.

- Barbosa, Maria Aparecida. 1996. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Plêiade.
- Basílio Margarida. 2000. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- Bittencourt, Terezinha. 2003. *A criação lexical no Brasil*. Rio de Janeiro: In: Cadernos da Academia Brasileira de Filologia.
- Carvalho, Nelly 1987. *O que é neologismo*. São Paulo: Contexto
- _____. 1996. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática.
- Correia, Margarida & ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. 2012. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola.
- Marcuschi Luiz Antônio & Xavier, Antônio Carlos. 2004. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Rosa, João Guimarães. 1975. *Tutaméia (Terceiras Estórias)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sandmann, Antônio. 1992. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto.
- _____. 1993. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto.
- Silva, Maria Emília Barcellos da. 2000. *O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia*. In: Azeredo, José Carlos de (org.). *Língua Portuguesa em debate*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Valente, André Crim. 2012. *Neologismo na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet.

